

ENSINO DE ARTE PARA ALUNOS CEGOS OU PORTADORES DE VISÃO SUBNORMAL

GARCIA, Adriana Castro¹

*1 Universidade Federal de Pelotas
driana_garcia@hotmail.com*

MEIRA, Mirela²

*2 Universidade Federal de Pelotas
Prof.^a Dra. - mirelameira@gmail.com*

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho expõe uma pesquisa em andamento em torno do tema do ensino da Arte para os alunos portadores de deficiência Visual de uma turma do EJA (Ensino para Jovens e Adultos) da Escola Louis Braille, uma instituição que abriga alunos com essa característica, na cidade de Pelotas, RS. Sua problemática refere-se às possíveis discussões que o tema suscita, entre as quais que tipo e que adequação de locais são oferecidos a essas pessoas, bem como que tipo de contato é proporcionado com a Arte. Além desse problema, outros questionamentos somaram-se a investigação, como: que tipo de trabalho com Arte é aplicado em sala de aula pelos professores; qual a contribuição que esses trabalhos trazem para os alunos; qual a formação da professora para trabalhar com pessoas com esse tipo de deficiência; a professora possui formação em Arte; o que está previsto na legislação brasileira sobre o ensino da arte para cegos e, por último, se a escola possui recursos para as aulas de Arte com alunos cegos.

O objetivo geral é o de investigar como se dá o Ensino da Arte para alunos com deficiência visual na referida escola, verificando até que ponto o ensino da Arte contribui para o aprendizado deles e para suas vidas, enquanto campo cultural e estético. Também se objetiva verificar se os processos didáticos e avaliativos utilizados em sala de aula são adequados as pessoas com deficiência visual.

A justificativa para esta pesquisa se dá pelo fato de haver poucos trabalhos realizados no campo das Artes com pessoa deficiente visual e pouca informação a respeito, bem como raríssimas publicações. É comum encontrarmos pesquisas e artigos que tratam somente sobre a inclusão, mas não abordam claramente que tipo de contribuição o ensino da Arte proporciona a esses alunos, nem a forma que a mesma é trabalhada ou abordada em sala de aula.

2- METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa por envolver uma situação rica em dados descritivos, obtidos no contato direto com o meio estudado, enfatizando mais o processo do que o produto. Este estudo preocupar-se-á em

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, IAD/UFPel.

² Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Depto de Ensino, FAE/UFPel.

retratar a perspectiva dos participantes, focalizando a realidade em toda a sua complexidade e contexto. Caracteriza-se como um Estudo de Caso, tendo como instrumentos de coleta e de análise de dados os relatos da observação em sala de aula na escola estudada e a documentação através de imagens fotográficas. Os instrumentos de coleta serão entrevistas semi-estruturadas, com questões abertas, realizadas com a professora responsável pela disciplina de Arte na escola, a coordenação da escola e 5 alunas freqüentadoras de aulas de Arte na escola Louis Braille.

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com pesquisa do senso do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística), no ano de 2000, 14% da população brasileira é portadora de alguma deficiência. Esse percentual representa algo próximo dos 24,6 milhões de pessoas com alguma incapacidade física ou mental. Dentre elas, 16,6 identificam-se com algum grau de deficiência visual e, destes, quase 150 mil declaram-se cegos.

Deficiência Visual é uma categoria que inclui pessoas cegas ou com visão reduzida. O conceito de *cego* aplica-se também aos que possuem visão subnormal, quando necessita da instrumentação em Braille. A pessoa com visão subnormal pode ler tipos impressos ampliados ou com auxílio de potentes recursos ópticos (INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT, 2002).

A definição clínica afirma como *cego* o indivíduo que apresenta acuidade visual menor que 0,1 com a melhor correção ou campo visual abaixo de 20 graus; como visão reduzida quem possui acuidade visual de 6/60 e 18/60 (escala métrica) e/ou um campo visual entre 20 e 50 graus, e sua visão não pode ser corrigida por tratamento clínico ou cirúrgico nem com óculos convencionais (CARVALHO, 1994).

A Política Nacional de Educação Especial (1994) classifica como alunado da educação especial todos os portadores de deficiência mental, visual, auditiva, física, múltipla e também portadores de condutas típicas, ou seja, problemas de conduta, assim como portadores de altas habilidades, mais conhecidos como super dotados.

Com base nessas considerações, outros autores estão servindo de embasamento para essa pesquisa. Fayga Ostrower (2001), pelo fato da mesma desenvolver, de forma sucinta, em seu livro "Universo da Arte", o poder que a criatividade exerce sobre pessoas. Ela diz que "o criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato criar e viver se interligam" (1977,p. 05) .

Caiado (2006) explica os limites e as possibilidades que o aluno cego tem de estudar no ensino regular, expondo depoimentos e entrevistas textualizadas dos educandos, falando de suas experiências de vida em sala de aula. O estético tem papel primordial, uma vez que, na ausência de impressões sensoriais de um sentido, os outros tendem a exacerbar-se, necessitando de um trabalho sensível mais apurado, no caso, uma Educação Estética, pois permitirá o refinamento dos sentidos, realizado através da Arte.

O autor Herbert Read (1982), com o livro "A educação pela Arte", deixa nítida a idéia de que a Arte deve ser a base da educação e ressalta a importância das imagens "eidéticas" e "interoceptivas", aquelas provenientes de sensações internas, que independem da visão para a pessoa e constituem um rico referencial

para trabalhar a Arte. Igualmente importante, nesse caso, seria incrementar os processos criadores e a capacidade imaginativa.

Um dos referenciais importantes para pensar a Arte na escola, independentemente de onde ocorra, é o documento referencial dos Parâmetros Curriculares Nacionais/ Arte, somados a outras produções na área, como artigos e sites relacionados ao tema.

4- CONCLUSÕES PARCIAIS

Até o presente momento, conclui-se que as ações em arte-educação para alunos com deficiência visual na escola são alternativas para estimular outros sentidos e sensibilidades além da visão. Entre eles, tato, olfato, audição e o sentido sinestésico, aquele que produz sensações múltiplas.

Desta forma, através de atividades trabalhadas em sala de aula, recursos e profissionais qualificados, podem ser desenvolvidos processos pedagógicos importantes para que essas pessoas possam incrementar a convivência em sociedade. A Arte pode ser uma aliada na superação de diversos preconceitos e estereótipos a respeito do tema, auxiliando a superação da exclusão, aumentando a auto-estima frente à população vidente e não-vidente.

Pode se falar em uma alfabetização estética, onde não há uma receita pronta para alfabetizar. O docente tem de conhecer o educando que tem diante de si, e sobre o qual recai sua atenção pedagógica, trabalhando com coerência sua prática docente para qualificar a convivência. Rezam os PCN/Arte (1997, p.20) que:

ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na sociedade.

Com a realização deste estudo, deseja-se auxiliar na qualificação da sociedade em geral, bem como da população em foco. Aposto na Arte, nesse processo, como um poderoso meio de melhoria da convivência, entendimento e comunicação humana.

5- REFERÊNCIAS

CARVALHO, K.M (1994). **Visão Subnormal: orientações ao professor do ensino regular**. 2. ed. Campinas, Editora da UNICAMP

DUARTE-Jr., João Francisco. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2001.

_____. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 4 ed. São Paulo: Papirus, 1995.

FENSKE, S.; CAPOTE, P. COSTA, M. P. **A Relação Arte e Deficiência**. Revista eletrônica Travessias, ano 1, n.1, dez. 2005. Disponível: <http://e-revista.unioeste.br>. Acessado em 22 abril.2010

HOME PAGE do IBGE. Brasília. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**.

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo>. Acessado em 22 de abril. 2010

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT (2002). Disponível em: [www..ibcnet.org](http://www.ibcnet.org) Acesso em: 2 ag.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 15^o ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1998. p.47.

READ, Hebert. **A Educação pela Arte**. Ed. 70: Lisboa, 1982.